

O que há de novo no desenvolvimento capitalista da América Latina?

RENAN CABRAL

COSTA LIMA, Marcos. *Região e desenvolvimento no capitalismo contemporâneo - uma interpretação crítica*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

O atual posicionamento do Brasil como a sexta maior economia do mundo, ultrapassando a Grã-Bretanha, e as políticas relativamente eficientes adotadas pelos países emergentes para enfrentar a crise econômica são bem conhecidas. Contudo, provavelmente nem todo mundo tem uma percepção mais nítida desse quadro, em outras palavras, muitos sentem dificuldade sem entender por que, apesar da melhor situação econômica, os emergentes estão longe de ser tão desenvolvidos quanto a Grã-Bretanha. Ao realizar

um exercício multidisciplinar, o cientista político Marcos Costa Lima, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), contribui para essa discussão com o livro *Região e desenvolvimento no capitalismo contemporâneo - uma interpretação crítica*.

Costa Lima parte dos conceitos de *região e desenvolvimento* para analisar a evolução do capitalismo pós-Segunda Guerra, dando especial atenção ao Brasil, aos BRIC e aos demais países da América Latina. Com admitida influência do economista Celso Furtado, com o qual o autor partilha a relevância atribuída à história, Costa Lima reflete sobre desenvolvimento, considerando aspectos como aquilo que o autor de *Formação econômica do Brasil* chamou de *qualidade do desenvolvimento*

RENAN CABRAL

Mestre em Ciência Política pela UFPE e membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas Regionais e do Desenvolvimento.

e observando o problema da dependência tecnológica. Nesse sentido, Costa Lima promove ainda aspectos pouco discutidos da obra de Furtado, como seu pensamento sobre a relação entre desenvolvimento e ambiente bem como sobre a dimensão cultural do desenvolvimento.

O livro é dividido em quatro partes: 1. Transformações no capitalismo contemporâneo; 2. Teorias regionais e do desenvolvimento; 3. Estado e inovação; e 4. Brasil, Índia, China e México.

Na primeira parte, o autor analisa as profundas mudanças ocorridas no cenário internacional, desde a queda das políticas keynesianas aos avanços das corporações multinacionais e o estabelecimento de processos de regionalização como mecanismo defensivo contra a aparente anarquia sistêmica, ilustrados com os casos da União Europeia e Mercosul. Ao descrever o fenômeno da globalização, Costa Lima examina o fim da chamada “Idade do ouro do capitalismo”, quando as barreiras “protecionistas” foram derrubadas, estimulando as relações de complementaridade entre as economias líderes e a expansão

de padrões tecnológicos particulares, criados nos EUA, que tornaram o mercado homogêneo. Então, o autor assinala as alterações no padrão de trabalho das multinacionais, as relações comerciais estabelecidas entre elas, a dimensão tecnológica desses processos e os laços dessas corporações com o capital financeiro, que se tornou hegemônico.

Teorias regionais e do desenvolvimento começa com as críticas de Celso Furtado à compreensão positivista da economia, destacando o ataque aos economistas clássicos, que ignoraram o processo de acumulação, exceto quando diretamente ligado ao aumento da capacidade produtiva de um dado sistema econômico, ao invés de investimentos. De acordo com Costa Lima, a crítica furtadiana direciona-se às bases das correntes econômicas dominantes edificadas: a concepção do equilíbrio geral, que tende a excluir todas as questões sociais.

O debate sobre a questão regional na segunda metade do século XX tem forte influência das escolas francesas de gestão do território e regulação, além da escola cepalina e de outros

autores como Myrdal, Perroux, Hirschman e Rochefort. Costa Lima analisa, então, como nos idos de 1990 as transformações no capitalismo geraram novos problemas, que exigiram outras interpretações, dadas as limitações do pensamento neoliberal com sua crença no automatismo do mercado e sua recusa em refletir sobre regulação e projetos de iniciativa estatal. Conceitos fundamentais como Estado-nação, região e território são reexaminados em uma perspectiva diferente da visão funcionalista ainda dominante. O autor avalia as seguintes abordagens teóricas para o desenvolvimento autônomo da periferia: neoliberal, social-democracia, neo-estruturalista e a perspectiva desenvolvida por Amartya Sen. Conforme conclui, o conservadorismo do pensamento neoliberal e da governança corporativa demanda novos enfoques desses conceitos.

Na terceira parte, Costa Lima discute o papel do Estado na América Latina e a prolongada dívida dos seus países, com claras consequências na infraestrutura e nos gastos/investimentos sociais. A *década perdida* (1980) é apontada

como o momento no qual houve o aprofundamento das políticas baseadas no Consenso de Washington, detalhado pelo autor e criticado por sua fórmula “*one-size-fits-all*” e por seu grande impacto sobre o aumento da pobreza e na perda de capacidade do Estado para ativação de políticas econômicas de desenvolvimento.

Uma questão central relativa ao desenvolvimento é a inovação tecnológica, todavia o Brasil ainda não possui autonomia nesse setor mesmo com seu Sistema Nacional de Inovação (SNI). Então, o autor introduz algumas contribuições teóricas formuladas por estudiosos como Christopher Freeman e Beng-Ake Lundvall e discute também sobre a economia de *clusters*. Tendo como base o período de 1994 a 2004, Costa Lima descreve as diferenças regionais do Brasil no tocante à distribuição das inovações ao longo do território nacional, explorando a concentração industrial e do desenvolvimento tecnológico em São Paulo.

A última parte do livro, Brasil, Índia, China e México, inicia-se com uma discussão sobre a Amazônia como espaço plurinacional, alertando sobre a

necessidade de um projeto brasileiro de desenvolvimento que considere essa região em suas especificidades e fragilidades, aproveitando o potencial da sua biodiversidade e a riqueza cultural dos seus povos. A seguir, o autor salienta os perversos efeitos da integração do México ao NAFTA (North American Free Trade Agreement), dada a assimetria entre aquele país e seu vizinho mais poderoso, os Estados Unidos. Costa Lima compara números pré e pós-NAFTA para mostrar a ineficiência do acordo na redução da imigração mexicana para os EUA.

Em continuidade, Costa Lima contrasta a economia brasileira com a indiana. Enquanto o Brasil busca crescer a partir de poupança externa e políticas de curto prazo, o país asiático implementa políticas industriais com poupança interna e planos de longo prazo, obtendo melhores resultados que as economias latino-americanas. O autor identifica um modelo de desenvolvimento asiático, considerando os melhores resultados das economias asiáticas, comparadas às latino-americanas. E, finalmente, apresenta uma reflexão sobre o *modelo Kerala de desenvolvimento*, Estado indiano que

desde 1950 atingiu os melhores indicadores de bem-estar do país adotando políticas consensuais e vem sendo objeto de grande número de estudos internacionais.

O capítulo final aprofunda a compreensão do modelo asiático de desenvolvimento, a partir dos anos 1980, comparando-o ao modelo latino-americano. Costa Lima salienta o fato dos *emergentes* terem respondido melhor à recente crise econômica, destacando o papel do Estado nessas economias e a relevância das suas políticas de desenvolvimento, mas ponderando sobre se o contexto internacional permitirá o avanço das suas políticas sociais, de ciência e tecnologia e de empregabilidade.

Região e desenvolvimento no capitalismo contemporâneo traz uma formulação madura sobre as consequências do capitalismo nos países emergentes, evidenciando as falhas das políticas neoliberais na América Latina. Longe de ser um panfleto, esse livro apresenta relevantes discussões teóricas sobre desenvolvimento e região, e ainda levanta hipóteses sobre os possíveis motivos pelos quais os países emergentes parecem menos afetados pela atual crise mundial.